www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA ISBN: 978-65-87289-08-3

GT 66. Poder, diferença e transformação na África Contemporânea

Coordenador(es):
Melvina Afra Mendes de Araújo (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)
Paulo Ricardo Muller (UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul)

Os estudos africanos no Brasil vêm se consolidando a partir da organização de grupos de pesquisa, GTs em congressos de Ciências Sociais, Antropologia e História e seminários, assim como pela publicação de livros e dossiês em revistas sobre o tema. A Antropologia, de modo especial, vem se dedicando à compreensão de disputas em torno da construção social da contemporaneidade a partir da diversificação e complexificação de olhares sobre processos e narrativas constitutivas de diferentes contextos socioculturais africanos. Visando criar mais uma possibilidade de diálogo entre pesquisadores que se debruçam sobre temas concernentes ao continente africano, acolheremos trabalhos de viés etnográfico, teórico e/ou histórico que pensem questões referentes aos aspectos políticos, simbólicos e práticos que permeiam processos sociais e históricos de diferenciação e de articulação entre diferentes configurações de poder “tradicional” e estatal, colonial e pós-colonial, religioso e secular, institucional e informal, etc.

Lobolo gay: repensando o bridewealth a partir de casais homoafetivos austro-africanos

Autoria: Francisco Paolo Vieira Miguel (UNB - Universidade de Brasília)

O brideweath ou o lobolo ? como é chamado nas culturas machangana do sul de Moçambique ? é uma instituição já amplamente discutida na literatura antropológica. De uma forma geral, trata-se de um conjunto de rituais que consistem na oferta de uma série de presentes pelo noivo à noiva e à sua família. As razões sociológicas que subjazem a entrega de tais presentes, no entanto, sempre foram alvo de um intenso debate antropológico. Para alguns, os presentes seriam uma espécie de compra de uma mulher e sua prole pelo marido e seu grupo social; para outros, tratar-se-ia de uma compensação recebida pela família da noiva pela perda de sua capacidade de produção alimentícia e reprodução biológica; para outros ainda, o lobolo teria razões múltiplas, algumas delas contextuais, individuais e subjetivas. De qualquer forma, se, como afirma hegemonicamente a etnologia africanista, o lobolo é uma instituição social que tradicionalmente estabelece direitos de patrilinearidade entre as famílias de um homem e de uma mulher, como interpretar antropologicamente o fenômeno de uma cerimônia de lobolo que se realiza entre dois homens que decidem viver maritalmente e que nem sempre almejam o estabelecimento de uma linhagem própria? Ao me deparar com tal fenômeno em minha pesquisa de doutorado em Moçambique, vi-me forçado a refletir sobre as premissas heteronormativas que informam as teorias antropológicas sobre o parentesco africano, em grande medida imaginados desde há muitas décadas como voltados, eminentemente, à reprodução. Nesse sentido, sem abandonar os avanços da etnologia africanista, uma nova reformulação antropológica precisa emergir para dar conta do fenômeno contemporâneo dos casamentos gays e do lobolo entre homens africanos, que começam cada vez mais a ganhar visibilidade no continente.

 ISBN: 978-65-87289-08-3

Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização: **Apoio:** **Organização:**